

A BIOMASSA É NOSSA

Frei Sérgio Antônio Görgen

Algo gravíssimo está acontecendo no Brasil. A base produtiva para produção de energia a partir da biomassa (os agrocombustíveis) está sendo invadida por grupos estrangeiros financiados pelo grande capital internacional. O mesmo já vem acontecendo há mais tempo com a privatização de parte da geração da energia elétrica através da hidroeletricidade e da energia eólica, com grupos internacionais poderosos ocupando posições, o que significa, além de privatizar, internacionalizar, nossos rios, nossos ventos e nossas terras. Os governos vende-pátria de Collor e Cardoso iniciaram este processo, que, infelizmente, continua.

O fim da era do petróleo abre possibilidades para a construção de uma nova civilização, mais democrática, mais equilibrada internacionalmente, mais justa, mais pacífica. Mas permanece viva a possibilidade de manutenção do atual sistema internacional de poder com formas muito mais complexas. Uma realidade é certa: a geografia da energia mudará e com isto alterará a geografia do poder. O imperialismo americano, europeu e japonês age rápido para controlar as novas formas de energia e as regiões onde estão as bases materiais para sua produção.

A era do petróleo criou algo fantástico. O combustível líquido em larga escala permitiu impressionante mobilidade motorizada e força de tração, desenvolvendo a indústria metal-mecânica e possibilitando larga escala e rapidez nas relações comerciais, industriais e culturais em todo o globo terrestre. Isto, contudo, deu-se sob a hegemonia da acumulação capitalista e da dominação política da burguesia industrial e financeira.

O uso intensivo da energia petrolífera, porém, fruto da anarquia regulatória provocada pela lógica da acumulação capitalista, provocou a emissão descontrolada de gases poluentes e a destruição indiscriminada dos recursos naturais que resultam na crise do clima, no aumento do efeito estufa e no crescimento da temperatura da terra. O custo ambiental deste uso descontrolado ainda não foi sequer contabilizado e os efeitos deste desastre ambiental sobre a vida no planeta e sobre a raça humana recém está iniciando.

Com o esgotamento das reservas fósseis – e não motivados pelo caos ambiental – os magnatas do capitalismo internacional chegaram à conclusão, de forma irrefutável, que chegou ao ocaso a era do petróleo. Movem guerras de disputa por suas últimas reservas, em grande maioria, localizadas no Oriente Médio. A dimensão extraordinária do problema é que os países ditos ricos e desenvolvidos são dependentes em energia e sua matriz energética está alicerçada no petróleo. Eles têm pouco petróleo em seus territórios e poucas possibilidades de produzir energias renováveis em larga escala. O drama que se estabelece, então, é sua substituição, especialmente a energia em forma líquida, necessária para manter em movimento a

economia movida pela indústria automobilística. A escassez, as dificuldades de extração, a qualidade inferior do petróleo extraído, os custos adicionais do beneficiamento e refino e a instabilidade política nas regiões petrolíferas já é uma realidade viva que se reflete nos preços do barril do “ouro negro”. A catástrofe ambiental que se avizinha move mais a sociedade civil que os interesses capitalistas, mas que a utilizam de forma inteligente para mover a opinião pública em torno de seus interesses estratégicos. Em outras palavras, usam-se do caos ambiental que produziram para conseguir apoio da opinião pública para tomar posse das novas fontes de energia, de modo especial, da biomassa, das águas e dos ventos.

Todos os indicadores apontam para a biomassa (o conjunto da produção vegetal e animal possível de ser convertida em energia disponível) como a principal fonte de matéria prima capaz de sustentar uma nova matriz energética para produção em larga escala de combustíveis líquidos e substituição de matérias primas originadas na petroquímica, se bem que, diga-se de passagem, jamais na escala e na quantidade em que hoje se utiliza petróleo sem comprometer a produção de alimentos. Obrigatoriamente, em prazo não muito longo, o padrão e as formas de consumo das sociedades (especialmente as classes e as nações consumistas e que mais utilizam insumos derivados do petróleo) terão que ser alterados.

Podemos estar vendo o alvorecer da civilização da fotossíntese, onde o sol, a grande e inesgotável fonte de energia irradiando diariamente o globo terrestre, fez da natureza – especialmente as plantas – especialistas na armazenagem de energia disponibilizável na forma líquida ou gasosa através dos açúcares, óleos e celulose.

Nesta lógica, o raciocínio é simples. Na era do petróleo, os territórios energeticamente valorizados são onde estão as reservas fósseis. Na era da fotossíntese, são os territórios onde há abundância de sol. As regiões tropicais do globo – tantas vezes tão desprezadas e acusadas de provocar indolência e atraso – passam a ser objeto de cobiça. E o Brasil, o grande continente tropical do globo, além de sol em abundância, dispõe de solos férteis, água razoavelmente bem distribuída e povo com capacidade técnica para produção de biomassa. Além de grande capacidade de geração hídrica e com um privilegiado potencial eólico.

Com isto e por isto, recai sobre o Brasil a voracidade da cobiça internacional, especialmente de americanos, europeus e japoneses, ricos em dinheiro, mas pobres em petróleo, com pouco sol durante o ano em seus territórios distantes dos trópicos, pouco solo disponível e com altíssimo nível de consumo de energia.

E a nova corrida do ouro já começou. Grandes empresas transnacionais estão tomando de assalto usinas de álcool no Brasil. Fala-se que 20% da produção de álcool no Brasil já está em mãos de grupos estrangeiros e que estão se posicionando para dominar o setor, controlá-lo e colocá-lo na lógica dos interesses das transnacionais e das nações imperialistas. Isto significa produzir agrocombustíveis em latifúndios, com monoculturas, trabalho degradante e escravo, degradação ambiental e concentração industrial. A presença do Presidente Norteamericano George W. Bush no Brasil em março de 2007 é a senha de seu governo aos capitalistas de seu país para a corrida do etanol. A aquisição de usinas de álcool por parte da Cargil, Microsoft, Grupo George Soros e grupos chineses é só o início do processo de desnacionalização do setor.

Na recém iniciada produção de biodiesel, o quadro não é diferente. Algumas fachadas com nomes bem brasileiros e até ecológicos operam como laranjas de grupos de investidores internacionais, entre eles o Banco Holandês ABNAmro, Grupos Japoneses, Alemães e Norte Americanos. A ADM, gigante do mercado de soja e de óleos vegetais em geral, prepara-se para instalar grandes unidades de produção de biodiesel.

O Brasil retorna à década de 50 do século passado. Para garantir um salto para frente precisamos fazer o que, como nação, fizemos no passado. Há 56 anos atrás a Nação Brasileira se levantou e disse: o petróleo é nosso. A Nação, cimentada na unidade de consciência e de objetivo de seu Povo, contrariou pesados interesses internacionais e um bando de entreguistas vende-pátria. Agora se impõe, com urgência e com veemência, a palavra de ordem, a consciência nacional, o objetivo coletivo e a luta política: a biomassa é nossa, as fontes de energias renováveis são do povo brasileiro.

Entregar (ou deixar que tomem) as fontes de energias renováveis - biomassa, hídrica e eólica - para grupos transnacionais é entregar nosso território e nossa gente à dominação estrangeira. Não podemos permitir que façam com dólares e euros no Brasil para controlar a energia do futuro o que são obrigados a fazer com bombas no oriente médio para controlar o que resta da energia do passado, as reservas de petróleo.

A energia da biomassa, de modo especial, é estratégica para garantir um futuro com dignidade para o povo brasileiro e temos que defendê-la com todos os meios disponíveis: políticos, jurídicos, culturais, econômicos e, se necessário, militares. As fontes renováveis de energia são um insumo coletivo e um instrumento estratégico para a construção de um projeto soberano de nação, com condições dignas de vida para todo o nosso povo. E é patrimônio nosso, do povo brasileiro. Constituem-se no resultado de uma dádiva da natureza conjugado com o esforço histórico de gerações inteiras que vêm construindo, entre tropeços e contradições, um projeto de nação. Cabe a nós proteger, cuidar, defender, utilizar em função de nossas necessidades e compartilhar com outros povos sem submissão e sem exploração. O recente exemplo boliviano em relação ao gás natural poderia nos inspirar e inspirar os dirigentes da república – os que ainda preservam valores da nacionalidade – a se postarem em defesa de nosso patrimônio energético e de sua utilização para atender às necessidades de nosso povo.

Para que isto ocorra, impõem-se alguns desafios e decisões políticas:

1º - O Estado Brasileiro precisa urgentemente de um Plano Nacional de Produção de Energia da Biomassa que integre de forma sinérgica a produção de alimentos, energia e preservação do meio ambiente, sob controle econômico, jurídico e político nacional.

2º - Que este Plano priorize e coloque em seu centro estratégico as formas camponesas de produção, os sistemas de policultivos alimentares e energéticos, a descentralização geográfica das plantas industriais de forma planejada e a garantia da hegemonia da propriedade pública e cooperativada das principais estruturas produtivas, pois somente uma concepção com estes princípios evitará competição

entre alimento e energia, conseguirá evitar novos desequilíbrios ambientais e gerará trabalho digno e bem pago.

3º - Atuação consistente, audaz e planejada de uma Empresa Pública ou de Economia Mista com controle público, de caráter nacional, que se especialize na produção de energia da biomassa, faça investimentos estratégicos no desenvolvimento das cadeias produtivas (alimentares, energéticas e dos co-produtos), garanta pesquisa e desenvolvimento tecnológico e o acesso aos mercados consumidores. A melhor estratégia de construção desta empresa está em aberto e talvez o melhor caminho seja construí-la dentro da Petrobrás (pelas interações que isto possibilita em termos de transição energética, mercado, etc), tornando-a posteriormente uma empresa autônoma do grupo.

4º - Uma nova base legal para enfrentar esta nova realidade que se vislumbra e que enterre o entulho neoliberal privatizante entreguista que predominou nos últimos anos e jogou setores estratégicos, como a energia, nas mãos do mercado capitalista, hoje dominado por meia dúzia de grandes transnacionais. Para isto faz-se necessário:

- a) Legislação que proíba a compra, arrendamento ou qualquer forma de posse de áreas rurais por pessoas, grupos ou empresas estrangeiras ou com controle acionário estrangeiro no Brasil.
- b) Legislação que garanta o controle nacional na produção, industrialização e comercialização de energia proveniente da biomassa, de fontes hídricas e eólicas no Brasil.
- c) Legislação que garanta reserva de mercado para produção de matéria prima e industrialização cooperativada de energia da biomassa por cooperativas compostas de 80% de agricultores de pequeno porte.

5º - Reformulação do Sistema de Geração, Transmissão e Distribuição de energia elétrica, retomando o controle nacional e público do setor, acabando com o subsídio ao preço de energia às indústrias eletro-intensivas exportadoras, estimulando o investimento em fontes alternativas e a produção local em pequena escala propiciando comunidades locais energeticamente auto-sustentáveis.

As energias renováveis, de modo especial a da biomassa, é questão de soberania nacional e entregá-las comprometerá nosso futuro como povo e como Nação. A hora de generalizar o debate e tomar decisões estratégicas é agora ou a geração presente – de modo especial os que nela vivem como governantes - será tomada por cega e covarde pelas gerações futuras que amargarão as conseqüências de nossa cegueira estratégica e covardia política no tempo presente.

Nós que nos orgulhamos da geração que fez a luta “O Petróleo é Nosso” e que resultou na construção de uma empresa pública estratégica para o povo brasileiro, precisamos nos conscientizar rapidamente de que estamos diante de desafio histórico igual ou maior e precisamos estar à altura do desafio que se nos apresenta.

A biomassa é nossa.

As energias renováveis são do povo brasileiro.